

**TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE  
INQUÉRITO/INDAGAÇÃO/INVESTIGAÇÃO APRECIATIVO/A  
EM 10 PERGUNTAS (APARENTEMENTE) FÁCEIS**

Luis Miguel V. A. Neto\*

- 1. “Apreciativo”, sei o que é, mas porque é que é “Inquérito”? Ou “Indagação”? Ou ainda, na tradução brasileira, do livro de Cooperrider e Whitney de 2005, sobre a ‘Revolução Positiva’, “Investigação”?**

Ora aqui está uma muita boa questão, para começar... Historicamente, a designação “APPRECIATIVE INQUIRY” surge com os trabalhos iniciais de David Cooperrider quando, nos anos oitenta, era estudante de doutoramento, com uma investigação sobre a intervenção organizacional na Cleveland Clinic. Na altura, ele foi orientado por Suresh Srivastva, da Universidade de Case Western, na Pensilvânia, EUA. Este último era, já nessa época, um autor com currículo e reputação estabelecidos na área do desenvolvimento organizacional, matriz do que hoje reconhecemos como inquérito/investigação/indagação apreciativa. Espere um pouco que já “desembrulhamos” este “pacote”!

Muita água passou debaixo das pontes, como metaforicamente se diz para ilustrar a torrente dos acontecimentos e vivências. A literatura científica desta área específica, essa, terá crescido 4 ou 5 vezes desde aí – é verdade, o MEU doutoramento implicou análises bibliométricas da literatura científica! Entretanto, as práticas de intervenção sistémica, organizacional e comunitária ou mesmo as mais estritamente “psicológicas”, refinaram-se e complexificaram-se. A investigação qualitativa ganhou um estatuto de legitimidade, inimaginável nalguns domínios e para os actores de círculos concentracionários de poder científico onde, anteriormente, era proscrita ou meramente tolerada. Ou seja, não se verificou uma “mudança paradigmática” nas ciências sociais e humanas, pelo menos na acepção que Kuhn deu à expressão, mas o certo é que novas opções se abriram para toda uma nova geração de investigadores e interventores. O IA (designemos desta forma o... Inquérito Appreciativo), entretanto, jogou um papel decisivo nesta transformação de fundo!

Sei que estou a ser elíptico para responder a uma pergunta directa e... simples, porém, profunda. Mas agora o leitor já possui uma noção do contexto em que coisas aparentemente simples – como traduzir “INQUIRY” para português – se podem revelar... bom, complexas.

Vou clarificar desde já: É que um dia o meu telefone de casa tocou... e, em Março de 1996, respondi a uma amabilíssimo convite do meu amigo e director do Kensington Counsultation Center, Peter Lang, um formador e interventor com grande crédito em Londres, e que é a única pessoa que conheço que tem no Currículo Vitae o “detalhe” – entre outras coisas, claro! - de ter tido por analista ... John Bowlby.

- *“Miguel, we organized a workshop with a very interesting american ... David Cooperrider. Do you wanna come to London?”*

Março de 1996: em Lisboa, debatia-me eu com a consolidação da Terapia Familiar Sistemica na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa. Uma hercúlea tarefa de combate à estreiteza de vistas e horizontes empreendida por Francisco Pina Prata e só equivalente àquela que Daniel Sampaio e colaboradores empreenderam na Faculdade de Medicina na mesma universidade.

Claro que a participação no workshop de Cooperrider me fez apaixonar pelo IA! Claro que, iconoclasticamente e em ruptura com o *establishment*, me propus acrescentar as metodologias do IA, nomeadamente a *“questionata positiva”* às praticas sistémicas mais radicais da época, questionamento circular e hipóteses sistémicas, incluídas. Para alguns ouvidos mais atentos – estou a pensar em Fatima Perloiro, Zaida Charepe, Anabela Costa, Catarina Rivero, Ana Caetano e, naturalmente, Helena Marujo – os elementos fundamentais do IA foram retidos tendo vindo a frutificar anos depois, em terrenos e de formas distintas, como convém na cultura das práticas criadoras e regeneradoras. Mas desta época, ficou-me na memória um “diálogo metafísico”, como se verá notável, que se estabeleceu em plena Picadilly Circus entre o humilde autor destas linhas, e David Cooperrider. O local era propício à metafísica! É que, foi ali, na fonte de Eros, que um desgosto de amor fez o irmão de Gregory Bateson suicidar-se. Na opinião extremamente culta e informada de Tim Parks expressa num memorável artigo *Unveiling the Mind Manacles*, publicado no *New York Review of Books*, terá sido devido a esse dramático episódio a contribuição mais decisiva

para a posição e visão *sui generis* de Bateson na Antropologia e, conseqüentemente, das bases fundamentais da terapia familiar e das práticas sistémicas! Porém, a razão do local de encontro ser Picadilly Circus, foi mais prosaica. É que nós, os envolvidos no tal “diálogo metafísico”, estávamos todos de partida para o aeroporto de Heathrow: David de regresso aos EUA, Peter para as suas contínuas formações na Escandinávia e eu de regresso a... casa. Lembro-me de ter perguntado, (em tradução):

- *“Gostei imenso do seu workshop! Houve coisas que relacionei com o trabalho que fazemos em Lisboa. Por exemplo: Acha que as questões apreciativas podem ser transformativas como as questões circulares que fazemos na terapia familiar? Como é que as duas práticas se articulam?”*

Não sei se terá sido o meu incipiente domínio do inglês, a referência à terapia familiar ou... qualquer outra razão. Mas fixei a resposta de David Cooperrider que, ainda hoje, 12 anos depois, me deixa a pensar:

-*“No. Appreciative Inquiry grows from the critical thinking frame of reference”*

Ainda antes da resposta à pergunta inicial, uma nota para ajudar à tradução da frase acima de Cooperrider em discurso directo: *“critical thinking”* é uma expressão derivada dos anos oitenta quando Ronald Reagan mandou instalar mísseis Pershing II na Europa, em resposta a manobras militares pré-comatosas do imperial Pacto de Varsóvia. Na altura, alguns europeus com consciência crítica histórico-social preferiram pensar que *“better red than dead”*. Capitulacionismo? Consciência crítica? Escolha o leitor. Elsa Jones, conhecida terapeuta familiar sul africana, sedeadada há longo tempo na Grã Bretanha, contava que as manifestações pacifistas junto às instalações da NATO em solo britânico acabavam sempre com cargas policiais quando dirigidas por pacifistas-homens, e em momentos de elevação de consciência entre soldados e pacifistas, quando dirigidos por membros do género feminino ... (E. Jones, Dusseldorf, 1998, comunicação em workshop). Tudo isto para dizer que a expressão *“critical thinking”* utilizada por David Cooperrider deve ser traduzida por... marxismo. Entretanto, em Portugal, na altura, “inquérito” era um termo que “entrava”, isto é, vendia e consumia-se bem, nos círculos académicos positivistas e autoritários da Psicologia em Lisboa. Foi uma opção “estratégica” de que não me arrependo, embora menos corajosa do que aquela dos colegas

investigadores das áreas da Educação e dos cuidados de Enfermagem relativamente às abordagens qualitativas. A opção pelo termo “investigação”, feita em 2007 pelos editores brasileiros do livro de Cooperrider e Whitney, *Appreciative Inquiry: A positive revolution*, parece-me de igual modo adequada e dentro do espírito da resposta de David Cooperrider, em *Picadilly Circus*, como acima se evocou. A despropósito (ou talvez não, para os mais conhecedores) vou acabar de responder com uma pergunta:

- *Será que Karl Marx também se passeava por Picadilly Circus nas suas deslocações para a biblioteca do British Museum?*

## **2. Alto!... IA como simultânea causa e resultado de “transformações de fundo”? Quais? Com que consequências?**

Fez bem em parar-me. Sou capaz de ter posto muitas coisas no mesmo “saco” na resposta acima! Devia ter sido mais homeopático e explicar com maior clareza antes de juntar Cooperrider a Marx, Bowlby a Bateson, Srivastva a Lang, e ainda mais acrescentando, muito portuguesmente, Pina Prata, Sampaio, este vosso criado e colaboradoras... Permita-me que vejamos agora a mesma “paisagem” mas, noutra perspectiva.

Se está em contacto com a literatura profissional da Psicologia em termos internacionais, ter-se-á apercebido que, com o terceiro milénio, a surpresa maior é constituída pela emergência não de uma sub-disciplina ou de uma nova metodologia mas de um novo “olhar” introduzido por Martin Seligman e Mihaily Csikszentmihalyi e etiquetado pelo rótulo, “Psicologia Positiva”, certo? Se não ouviu falar – o que sinceramente duvido! – ponha a expressão *Positive Psychology* num motor de busca da internet. Eu sei que ainda há quem confunde PP (Psicologia Positiva) com *New Age*! Aliás, convém a alguns poderes enfáticos constituídos, que essa confusão se faça, pois o potencial transformador do movimento que associa a PP ao IA é de facto muito grande! Para onde é que estamos a apontar? (Não esqueça, por favor, que, como diz o provérbio árabe, “quando o dedo aponta a lua o imbecil olha o dedo”!). Aqui, apontamos para uma ruptura introduzida nas ciências sociais e humanas: a do estudo científico das virtudes e forças humanas, das emoções positivas e das formas de melhorar a vida humana nos domínios individual, grupal e institucional/comunitário. É esta a “transformação de fundo” aludida.

E qual o objectivo desta odisseia?

Em minha opinião, os investigadores, cientistas, interventores, práticos e profissionais de ensino, saúde, educação e serviço social que de algum modo optaram pela abordagem “positiva” no seu trabalho e vida estão, *mutatis mutandis*, numa posição equivalente à da Psicanálise em Viena no final do século XIX: A ajudar a transição entre duas diferentes (sub)culturas. Da época vitoriana para a modernidade há 100 anos atrás, a Psicanálise. Quanto a nós (plural majestático, como convém) a difícil passagem opera-se de uma organização socio-institucional baseada numa economia carbono dependente e imoralmente exclusivista, para qualquer outra coisa ainda pouco definida mas que passa pela reformulação da organização social, redistribuição da riqueza entre hemisférios, países e classes sociais e respeito orgânico pela mãe-terra e ambiente. Pois, as transformações de fundo ou são planetárias ou são “pseudo-globalizações” telecomandadas a partir de alguns agradáveis ranchos no Texas e na Califórnia – nada contra o *Lone Star State* e, ainda menos, contra todos e qualquer um dos Los Angeles, da Califórnia! Veja, por favor, como a “princesinha” das ciências sociais – É a Economia, ó inteligente! – por via de Richard Layard, já está a equacionar políticas economias alternativas baseadas na ... ciência da felicidade!

Ainda a propósito da “transformação de fundo” de que a associação entre IA e PP é, simultaneamente, um sintoma e uma causa, vou ainda permitir-me uma breve nota clarificadora. Em 1999, conjuntamente com as já citadas colegas, Helena Marujo e Fátima Perloiro, publicamos um pequeno livro de divulgação intitulado “*Educar para o Optimismo*”. O humilde opúsculo, panegírico da perspectiva da Psicologia Positiva, provocou comentários de alguns dos colegas académicos, ferozes adeptos do *rigor mortis*, do tipo, “*Optimismo? Publicações de divulgação? Não, obrigado!*”. As Parcas, essa entidade mitológica inventada pelos gregos clássicos, que regula a relação abstracta da Psicologia com a Cultura, quiseram outra história (ou ‘estória’, para os mais humanistas). Em Janeiro de 2000, o *American Psychologist* publica o número correspondente ao início do novo milénio com o tema de fundo... Psicologia Positiva. Porém, o mais surpreendente é que a nossa publicação antecipa, também, a ligação entre a Psicologia Positiva e o Inquérito Appreciativo (cfr. pp. 36 e seguintes, opus cit.). Isto, antes mesmo dos seus próprios mentores efectuarem qualquer conjugação de esforços. Tal, só veio a acontecer, formalmente, em Setembro

de 2007, isto é, 8 anos depois da nossa 'pre-visão', numa conferência na Flórida que reuniu os líderes dos dois "movimentos" (IA e PP), Martin Seligman e David Cooperrider.

Não arranjamó financiamento para nos deslocarmos à aludida conferência, nem nos consta que ela tenha tido a participação de algum participante português. Estão aqui misturados dois "feitiços" que importa destrinçar para melhor os podermos desconstruir (*Wittgensteinianamente*, claro, porque, "a tarefa da filosofia é desenfeitiçar a linguagem"):

- O especial "feitiço" de Kenneth Gergen (2001): "*nos últimos 40 anos a Psicologia esteve arredada de todas as discussões intelectuais significativas da cultura ocidental*" – o contra-feitiço PP+IA já está a funcionar. Daqui a 5 anos o anátema de Gergen desaparecerá!
- O "feitiço" da geração de 70 – achtchung! A do século XIX português, de Antero, Pascoaes, Laranjeira, Garret, *inter alia* – "*Meus amigos que desgraça é nascer em Portugal!*" – este é um "feitiço" mais poderoso, que começou com a expulsão dos judeus no tempo de D. Manuel II!

Nós temos feito o que pudemos mas sem ajuda do leitor não conseguimos ir mais longe...

### **3. Ok. Agora a sério, o que é um "verdadeiro" Inquérito Appreciativo?**

Um processo de Inquérito Appreciativo a sério requer, verdadeiramente, uma actuação de tipo sistémico, isto é, com a totalidade do grupo humano significativo em presença. O objectivo é criar as condições para a mudança sustentada, positiva e auto-determinada pelos participantes desse mesmo sistema humano. A analogia central do IA é orgânica: Assim como as plantas tendem a seguir a luz solar – um fenómeno designado por heliotropismo – os sistemas humanos tendem a movimentar-se na direcção das questões que mais frequentemente colocam. Para além das concretizações práticas da metodologia – sempre contextualmente definidas, como nos alfaiates – o respeito pela posição de partida do sistema cliente é central. Não ignorando que em qualquer experiência humana existem aspectos mais e menos bons, o facilitador do processo de mudança orientado segundo o IA, irá sublinhar as descrições, narrativas, episódios e estórias do sistema no seu melhor. Não se trata de ignorar o negativo ou disfuncional. Trata-se, pragmaticamente, de o tornar irrelevante.

**4. Como é que isso se consegue? Descreva metodologicamente esse tal processo transformativo? Defina lá o IA.**

A definição mais ampla do Inquérito Appreciativo considera-o uma “filosofia prática”, expressão muito evocativa do trabalho de vitalização das práticas filosóficas empreendido pelo professor da Universidade de Columbia, Lou Marinoff. Repito: as concretizações são sempre feitas à medida, como na gastronomia caseira ou nos antigos alfaiates! Nem *fast food* nem *prêt-à-porter*! Por outro lado, esta consideração muito empática pela “posição” do sistema cliente (Burr, 1995), encontra a sua equivalência na observância prática dos princípios da epistemologia construcionista. O que é que se quer dizer com isto? Simplesmente que nos sistemas humanos o futuro está sempre por construir, e que cada um deve ter uma parte nessa construção conjunta.

A outra ideia central do ponto de vista metodológico resulta da consideração da capacidade de influência e de transformação da comunicação humana. Os sistemas humanos são constituídos por relações interpessoais e as relações são definidas pela comunicação. Habitualmente, num mundo leibniziano, a regra de ouro é: “*Boas perguntas fazem boas conversas, boas conversas fazem boas relações*”. Porém não chega fazer questões apreciativas e não sair do enquadramento negativo. A escolha de um tópico afirmativo é, por isso, a primeira tarefa profissional do facilitador. Parafraseando Mark Twain, as notícias da morte do debate teórico e ideológico foram grandemente exageradas...

Ainda a propósito da centralidade da comunicação como veículo e *locus* próprio de transformação dos sistemas humanos. Verifiquei uma curiosidade muito significativa, na Introdução do *Blue and Brown Books* de Ludwig Wittgenstein, livro inexistente na biblioteca da instituição de ensino superior público onde trabalho mas que (felizmente) encontrei na biblioteca da escola de ensino secundário (inglês) que um dos meus filhos frequenta – as bibliotecas são como os relvados, os dos ingleses já têm séculos de chuva e cuidados especiais em cima, por isso verdejam mais! Dizia, citando Ludwig Wittgenstein – o avô putativo das práticas sistémicas e apreciativas – no seu *Brown Book* e ao referir-se aos “sistemas de comunicação” (*Systeme menschlicher Verständigung*, no original) que estes são equivalentes aos “jogos de linguagem”, as unidades mínimas de compreensão da comunicação humana. O que é que isto implica? Como irá notar Steve de Shazer em 1991 no seu

livro *Putting Differences to Work*, é essa a unidade de análise e intervenção do psicoterapeuta orientado para as soluções. E do prático apreciativo, acrescentamos nós!

##### **5. E se o sistema-cliente insistir no problema, como é que avanço para um quadro de referência diferente?**

O construcionismo social vem, de novo, em ajuda dos adeptos das mudanças globais e descontinuidades evolutivas nos sistemas humanos. “Seja amigo da mudança e a mudança será sua amiga”, dizia-nos recentemente o Professor Luiz Marins, paulista amigo e Ph.D. em Antropologia pela Universidade de Melbourne, na Austrália. Assim como uma mutação genética aleatória se pode transformar num factor de melhor adaptação de uma dada espécie, nos sistemas humanos as mudanças evolutivas e adaptativas são concomitantes às transformações na linguagem. O pressuposto construcionista é que a linguagem não apenas descreve a realidade humana – como uma representação pictórica ou iconográfica, uma “fotografia da realidade” – ela, linguagem e sentido, constitui a “realidade” humana. Ou seja, sou o que comunico! Daí a necessidade imperiosa de transcender as diferentes formas e semânticas de linguagem de *deficit*. Existem quanto a este ponto duas práticas estratégicas a considerar dentro da óptica apreciativa. A que considera a consideração estratégica da referência insistente do “problema” nos sistema cliente, implicando uma demorada escuta apreciativa da “estória saturada”, e uma que promove a rápida conversão para um enquadramento positivo. Qualquer destas abordagens assenta na capacidade transformativa dos sistemas: “Se sabe o que está mal é decerto capaz de imaginar como deveria ser”. Muito evidentes e empiricamente verificáveis são as mudanças de energia que decorrem da mudança de uma descrição saturada de problema para uma escolha de tópico afirmativo!

No outro extremo, mas ainda na fase de planeamento da intervenção apreciativa, situa-se a atitude céptica do tipo “Como é possível ter resultados só por ver as coisas ao contrário?”. Metodologicamente esta é uma oportunidade de, promover a aprendizagem de tipo analógico por via dos estudos de caso equivalentes. Em termos do modelo ABC, esta é a fase posterior à introdução aos princípios apreciativos de “benchmarking”, isto é aprender com o semelhante: “Como é que *eles* conseguiram?” ou, mais reflexivamente, “Como é que no passado, *conseguiu/iram* superar dificuldades semelhantes?”. *Last chance*, a pergunta de confronto da orientação para as soluções:

“Respeito muito o seu sofrimento! Explique-me como conseguiu aguentar?” (*caveat*: sem cinismo na questão, senão deixa de ser *empowering!*)

**6. Em que é que o IA é diferente simultaneamente do “ pensamento positivo” e dos modelos correntes de mudança sistémica organizacional?**

O IA é uma “filosofia prática” que se fundamenta na epistemologia construcionista. As “realidades humanas”, na tradição inaugurada entre outros por Gregory Bateson e Ron Harre, são tomadas como decorrentes da linguagem e significados atribuídos à acção e interacção humanas. A primeira diferenciação com outros modelos e práticas de mudança é evidente no carácter relacional de constituição da realidade: O que vivo e experiencio não é uma mera construção mental individual, implica necessariamente outros seres humanos que comunicam entre si em situações psicossociais bem concretas e definidas. Da centralidade constitutiva da linguagem resulta uma outra diferença de vulto: Sempre que comunico com alguém, a possibilidade de mudança e transformação estão presentes. A comunicação humana não só constrói, como transforma. Daí que se assuma, em termos interventivos, a simultaneidade entre análise/diagnóstico e intervenção. A distinção com as metodologias que assentam num paradigma analítico de tipo cartesiano – e newtoniano, já agora! - e orientadas para a avaliação dos *deficits* e patologias é, por consequência, substancial. Existe alguma coincidência entre as metodologias apreciativas e positivas, já que aquelas partem da consideração dos factores que dão vida a um sistema humano. Os antecedentes das duas abordagens são porém historicamente e epistemologicamente distintos. Ao contrário de vários autores “puristas”, julgamos que, estando bem esclarecidas as diferenças, pode existir uma fertilização cruzada entre as duas abordagens que, na prática, se pode revelar de grande alcance, como atrás se explicou.

**7. Mas isto não é só expressão de sentimentos? Onde é que está a acção? E quando as pessoas não aderem ao que se lhes propõe?**

De novo, baseados na abordagem socio-construcionista, a acção é a comunicação. As palavras não são meras descrições, fotografias da realidade. Fazemos coisas com as palavras e os sentidos implicados na comunicação humana, como decerto diria John Austin. Quer exemplos desta função criadora da linguagem e do sentido atribuído? Imagine mentalmente as seguintes situações:

- Contexto de jogo de futebol, uma jogada na grande área. Você é o árbitro e não houve antecedentes “gastronómicos” de “fruta” e “chocolates” antes do jogo. “Objectivamente”, “fisicamente” uma mão de um jogador da equipa que defende toca na bola. Vai ser a mesma coisa para si decidir se foi “mão na bola” ou “bola na mão”?
- Num contexto religioso, assiste a uma missa, como está muito calor e você está sequioso resolve ir beber “água benta”. Quando inquirido sobre as razões do seu comportamento, pensa que é compreendida a sua justificação “Porque não? Bem vistas as coisas qual a diferença entre esta e a água comum?” (*in memoriam*, Augusto Abelaira)

No Inquérito Appreciativo as comunicações são intervenção activa. Sobretudo nas “entrevistas apreciativas”, especificamente definidas para recolher as estórias do funcionamento do sistema no seu melhor. Todavia, também, logo na primeira questão colocada ao sistema-cliente, na altura de introdução e apresentação que se fizer do método e suas diferenças com outros procedimentos.

Curiosamente, as raízes do Inquérito Appreciativo, embora superficialmente possam ser vistas como próprias de uma abordagem de mera expressão de sentimentos, remetem-no para uma configuração de metodologias que jogam abertamente nas descontinuidades evolutivas dos sistemas humanos, nas mudanças globais e de certo modo súbitas, em detrimento de uma gestão das mudanças gradual e progressiva. Para além disso, existem na concretização prática da metodologia, como em qualquer comunicação humana, directivas, processos de influência e persuasão implicados. O fundamento e horizonte de procura e reconstrução a partir do funcionamento óptimo são, também, antinómicos relativamente a uma cultura organizacional que faz equivaler racionalidade com cepticismo e cinismo.

Na circunstância das propostas metodológicas ou de prescrição técnica não corresponderem ao esperado pelo sistema-cliente ou participantes, o importante é considerar que outras decisões e progressos terão sido efectuados. Torna-se então importante inquirir sobre essas mudanças, não previstas inicialmente. Para além de, no mínimo, não prejudicar o sistema-cliente, a abordagem apreciativa implica a consideração de mudanças efectuadas nos termos do próprio sistema em que e intervém.

## 8. Então e a Avaliação?

Boa pergunta! Para alguns dos práticos e proponentes da metodologia, uma avaliação tradicional não é, pura e simplesmente, coerente com a teoria do IA (Watkins e Mohr, 2001). O que não é surpreendente, se se atender à novidade aqui implicada. A resposta assenta no carácter processual do próprio método. Se o que se pretende é que a organização entenda diferentemente os seus próprios processos de mudança e reestruturação bem como a maneira como prefigura e antecipa o seu futuro e missão, uma mera avaliação sumativa é, no mínimo, pouco pertinente. Por outro lado, uma alternativa de avaliação apreciativa como parte integrante do Inquérito Appreciativo enquanto metodologia processual é facilmente dedutível. O que é que esta possibilidade implica? Por exemplo, incluindo questões apreciativas de verificação dos próprios efeitos da experiência de contacto com o Inquérito Appreciativo num dado contexto:

- Quais os pontos mais altos da experiência de utilização do IA?
- Como é que o IA ajudou a organização a ter mais vida? E os seus participantes?
- Que três desejos em relação ao futuro formularia no trabalho com o IA?

Uma formulação proposta por Cooperrider, Whitney e Stravos (2003, p. 314) dirigida à avaliação da iniciativa do IA, discrimina as seguintes questões:

- O que é que no IA ou entusiasmou e revitalizou mais?
- O que antecipa com mais expectativa na utilização do IA no seu trabalho ou vida pessoal?
- Que competências re-descobriu em si por intermédio do contacto e utilização do IA?
- Que estória mais característica do IA?

Porém mesmo que os procedimentos de avaliação apreciativa sejam viáveis (ver o número especial do *Journal of the American Evaluation Association* sobre a avaliação e IA), existe sempre a possibilidade de reconfigurar os procedimentos tradicionais, como questionários ou outros, à lógica apreciativa e, posteriormente, re-introduzir os resultados no próprio processo.

## 9. Existem condições ideais para a utilização do IA?

Da experiência de utilização resultam algumas condições propiciadoras na utilização do IA (Watkins e Mohr, 2003), sobretudo no tipo de organização e situação vivida naquela:

- Existir desejo de mudança súbita em lugar de progressiva;
- Necessidade de obtenção de resultados visíveis em curto espaço de tempo;

- Conhecimento da história e especificidades do próprio sistema, o que não é sempre evidente;
- “Reverência pelo mistério da vida” entendendo por isso, a abertura atitudinal às metáforas vitalistas e orgânicas próprias do IA.

#### 10. Ainda não sei como opinar sobre esta coisa do IA. Pode dar-me bibliografia?

Aqui vão referências não exaustivas do que se publicou e investigou na área! Que saudades de 1996 quando o IA era um “riozinho” e se podia dominar toda a bibliografia! Isto é um *deja vu*. Já me tinha acontecido o mesmo com a bibliografia da “Sistémica” e da “Orientação para as Soluções”!

1. Burr, V. (1995) *An Introduction to Social Constructionism*. Londres: Routledge.

Se quiser entrar no construcionismo social sem ser pelos portões dos Gergen ou de John Shotter, esta é uma alternativa muito válida! Organização excelente da obra (cada capítulo é uma questão), e muita atenção às concretizações da epistemologia construcionista, nomeadamente em termos de exemplos de investigação. O capítulo sobre a análise de discurso é um *must na* investigação qualitativa e alternativa. Tenho para mim que Vivien Burr, não só é uma legítima herdeira das rupturas introduzidas na Psicologia Social britânica *mainstream* por J. Potter e M. Wheterell, entre outros, como acrescenta elementos fundamentais às suas contribuições.

2. Neto, L., Marujo, H. e Perloiro, F. (1999). *Educar para o Optimismo*.

O nosso *best seller!* Já lá vão 17 edições de um livro proscrito pelas torres de marfim universitárias!. (Re)-leia-o e admire o seu carácter profético! Foi traduzido em castelhano, o que nos proporciona o prazer de o autografar para alguns dos colegas e *nuestros hermanos* de bom gosto!

3. Reed, J. (2007). *Appreciative Inquiry: Research for Change*. Londres: Sage.

Para comparar com Srivastva e Cooperrider (1999) e ver como se deu a evolução do IA, na prática. Um pormenor a ter em atenção para os investigadores que se situam no horizonte das abordagens qualitativas: A tese fundamental é que a “investigação” é, ela mesma, um processo apreciativo!

4. Srivastva, S. e Cooperrider, D. (1999). *Appreciative Management and Leadership*. (Revised Edition): *The Power of Positive Thought and Action in Organizations*. Euclid, Ohio: EUA: Williams Custom Publishing.

O clássico (revisto) com os estudos originais dos autores iniciais. Tinha a edição original, de 1989, mas... volatilizou-se! Que pena! Daria para perceber as actualizações feitas em 10 anos de prática do IA!

5. Watkins, J., e Mohr, B. (2001). Appreciative Inquiry: Change at the Speed of Imagination

É quase exclusivamente um livro sobre mudança organizacional. Porém, o carácter pedagógico dos “estudos de caso” é tão evidente – por exemplo, intervenções na British Airways, North America; Hunter Douglas Window, MacDonalds de Chicago e NASA – que mesmo os leitores situados numa posição “clínica” ou de “formação” irão sair enriquecidos intelectual e “praxisticamente”.

**Sites relacionados com o IA**

<http://appreciativeinquiry.case.edu/> – o sítio matriz do IA. Consulte, investigue, inscreva-se. Veja como a colega Zaida Charepe se tornou a 1ª referência mundial em português com uma investigação baseada no IA: antes mesmo dos colegas brasileiros... Ele há orientadores de teses!

[www.appreciativeinquiry.ca](http://www.appreciativeinquiry.ca) – Há muito que o IA não é só EUA! Este é um site canadiano. Se quiser nas ilhas britânicas o nome chave é Anne Redford.

[www.catholicappreciativeinquiry.com](http://www.catholicappreciativeinquiry.com) – Há alguém com a disponibilidade para pôr os bispos portugueses a pensar apreciativamente?

[www.imaginechicago.org](http://www.imaginechicago.org) – referência para uma das intervenções *princeps!*

[www.inqueritoapreciativo.com](http://www.inqueritoapreciativo.com) – *Yeah, yeah*, já temos isto em português-pt há uns tempos, graças à Catarina Rivero e ao companheiro. O que é engraçado é ver de onde vêm as visitas... pois, pois, ciência e inovação... não só transformam como... vendem! Não estou nada mal na *foto*, pois não?

\* Luís Miguel V. A. Neto é Professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Possui o Doutoramento em Educação (EdD), área de Terapia Familiar, conferido pela Universidade de Massachusetts, nos EUA, onde foi bolseiro Fullbright. Exerce funções de coordenação e de supervisão clínica no Serviço de Atendimento Familiar e Individual (SAFI) da FPCE-UL. Integra a coordenação Científica da Associação Portuguesa para os Estudos e Intervenção em Psicologia Positiva. Autor de inúmeras publicações científicas das áreas da Psicologia, Educação, Comunicação, Terapia Familiar e Enfermagem. É co-autor do site do Inquérito Appreciativo.

Para contactar o autor: [netoebom@gmail.com](mailto:netoebom@gmail.com)